

# Incor supera crise e salva menina

Rafania Almeida

Uma história de amor e dedicação pela carreira mostrou que os funcionários do Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor/DF) aprenderam a superar a crise e, de novo, colocam em primeiro lugar a saúde de seus pacientes. Enquanto a direção do hospital e da Fundação Zerbini determinava a paralisação dos atendimentos na unidade, o coordenador da Cardiopediatria, Jorge Affiune, se dispôs a enfrentar a falta de recursos e insumos e salvar a vida de Ana Beatriz de Jesus Santana, uma criança que aos 5 anos enfrentava o pior estágio de uma cardiopatia grave.

Affiune percebeu, no momento em que viu Beatriz, que ela poderia morrer se não fosse atendida. Mesmo sem a garota ter sido encaminhada por um hospital da rede pública, como diz o regimento do instituto, e com a falta de condições financeiras da família, o médico decidiu que salvaria a vida de Beatriz.

“O que mantém o Incor do DF é a vontade dos funcionários de salvar vidas e poder ver um sorriso no rosto de uma criança como vi o de Beatriz quando entrei no quarto após a cirurgia

Jorge Affiune, coordenador da Cardiopediatria do Incor

— A taxa de oxigenação normal de uma pessoa é de 99%. A de Beatriz, na hora em que chegou aqui, era de 65%. Eu me surpreendi por ver que ela sobreviveu tanto tempo nessas condições. O ideal era que ela tivesse se tratado entre o primeiro e o terceiro ano de vida — contou Affiune. — Não podia deixá-la voltar para casa. Ela corria o risco de morrer.

Beatriz foi internada no Incor. A garota nasceu com uma doença chamada tetralogia de Falot. Ela tinha um buraco no coração e a artéria que levava o sangue venoso — sem oxigênio — para o pulmão era muito estreita. Quando chegou ao ápice da

doença, a artéria se fechou e todo o organismo da garota recebia sangue venoso, o que debilitou sua saúde. Beatriz não conseguia mais andar e tinha dificuldade para respirar.

Dois dias depois de dar entrada no hospital a menina entrou em crise, perdeu a consciência e teve uma parada respiratória. Ela precisou fazer uma cirurgia de caráter emergencial.

— Fizemos uma correção total no coração dela, fechando a passagem e aumentando o espaço para envio de sangue venoso ao pulmão, para que seja oxigenado antes de seguir para as outras partes do corpo. O sangue arterial não se

mistura mais ao venoso como antes — explicou o médico.

Segundo Affiune, Beatriz está fora de perigo e em uma semana poderá ser liberada. Mas antes de chegar ao Incor, ela e a família, vinda de Itabuna (BA), fizeram uma verdadeira peregrinação por hospitais até conseguir ter uma esperança.

A mãe, Viviane Grazielle Santos de Jesus, 22 anos, conta que Beatriz já foi dispensada por vários médicos baianos e brasileiros. Ela descobriu a doença da filha quando a menina tinha 8 meses.

— Minha filha passou quatro anos lutando pela vida. Aos oito meses ela estava com uma tosse muito forte, levei ao médico e ele disse que era coração. Não acreditei. Ela não sentia nada. Voltei ao médico quando ela teve falta de ar — lembrou Viviane.

A cada dois meses Viviane ia a Salvador com Beatriz para fazer consultas médicas. Cada viagem durava 12 horas. Ela decidiu então pedir ajuda a veículos

de comunicação da região para conseguir recursos e salvar a vida da filha. Apesar de aparecer na mídia e ouvir promessas de especialistas, Viviane passou seis meses esperando pelo tratamento da filha e mais uma vez foi desenganada. O processo durou mais dois anos até que o pai da menina, José Wilson Gonçalves de Santana, 28 anos, decidiu vir a Brasília para tentar ganhar dinheiro e ajudar a família.

Viviane continuou tentando tratamento em Salvador. Wilson cansou do sofrimento da família e conseguiu mandar dinheiro para a mulher se mudar para a capital com Beatriz e o filho mais novo, Breno, de um ano e dois meses, em janeiro.

Quando a família achou que encontraria tratamento, passou por mais uma sessão de tortura, especialmente o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), onde o atendimento foi recusado à garota por diversas vezes, conta a mãe.

DIVULGAÇÃO



Ana Beatriz sobreviveu cinco anos com baixa oxigenação do sangue e só conseguiu atendimento, após muita luta da família, em Brasília

## ■ Crise deixa 75 crianças à espera

As crianças com cardiopatias graves são, hoje, as principais prejudicadas com a crise que atingiu o Incor/DF. Segundo o médico Jorge Affiune, a paralisação de dois meses dos atendimentos, trouxe, com o retorno dos trabalhos esta semana, uma fila com 75 crianças esperando por um procedimento cirúrgico.

— A ala que mais nos preocupa no hospital é a cardiopediatria. Somos os únicos especialistas nesse tipo de atendimento no DF. Não paramos nenhum procedimento envolvendo as crianças que aqui estavam internadas porque todos são de emergência — disse Affiune.

Para o médico, a maioria das crianças está em momento propício para fazer operações. A espera pode agravar as doenças e reduzir as chances de sobrevivência em uma intervenção cirúrgica.

Atualmente são dez as crianças em tratamento no Incor/DF. Cinco delas estão na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e mais cinco, entre elas Ana Beatriz, na Unidade de Internação.

Affiune disse que é necessário recuperar o tempo perdido e contar com a ajuda de outras unidades hospitalares para os tratamentos cardíacos.

Por semana, o Incor/DF recebe 10 novos casos de crianças com problemas de coração. Quase todos são de caráter emergencial. Porém, a próxima vaga para internação no hospital, devido à crise, só deverá surgir em quatro meses.

— O ideal para o tamanho do hospital hoje seria uma fila com 15 ou, no máximo, 20 pacientes da cardiopediatria. Teremos de trabalhar para salvar todas essas vidas. O que mantém o Incor/DF é a vontade dos funcionários de salvar vidas e poder ver um sorriso no rosto de uma criança como vi o de Beatriz quando entrei no quarto após a cirurgia — lembrou o médico. — Ela ficou durante todo o tratamento sem dar um sorriso. Depois de tudo eu já a vi gargalhar.

Para Affiune, é esse sentimento que garante o não fechamento do Incor/DF. Ele acredita que o hospital se manterá pois sua importância ultrapassa as fronteiras do DF, atendendo paciente da de todo o Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

## ■ Após barreiras da burocracia, vice-diretora de escola consegue o atendimento médico

No HRAN, os médicos diziam que só atenderiam Ana Beatriz se ela recebesse encaminhamento. Viviane foi à um posto de saúde pedir o encaminhamento e, mesmo com o papel em mãos, não conseguiu atendimento para a filha.

— Cansei de ouvir minha filha dizer: "Mãe, eu vou morrer? Eu não quero morrer. Quero poder brincar como meu irmão". Foi quando eu decidi deixar minha filha viver e perdi as esperanças com hospitais — disse Viviane.

A menina foi matriculada em uma escola na Vila Planalto. Porém, em poucos dias de aula, a vice-diretora do colégio percebeu que Beatriz não estava bem. Para Viviane, a mulher não era apenas uma funcionária da escola, e sim um anjo que surgiu na vida da filha.

— Ela tem o mesmo nome da

minha menina, Ana Beatriz. É muita coincidência. Sei que ela apareceu para salvar minha filha — acredita Viviane.

A vice-diretora, Ana Beatriz Golstein, percebeu que a menina constantemente perdia a respiração, ficava roxa e precisava ser carregada no colo para não desmaiar. Ela procurou a família e se dispôs a ajudar no tratamento.

— Convidei uma amiga, que é advogada, para ir comigo ao Incor, onde eu sabia que ela receberia o tratamento ideal. No início, a administração do hospital se recusou a prestar atendimento. Eu lutei e disse que aquilo era omissão de socorro. Não sairia dali sem salvar a Beatriz — relatou a vice-diretora do colégio.

Viviane lembra que o cardiologista Jorge Affiune disse que não poderia deixar a menina voltar pa-

ra casa sem atendimento e confrontou a administração do hospital levando a garota para dentro da unidade.

Dias antes da operação, a mãe, em orações, havia pedido a cura da

**Em uma semana Ana Beatriz terá alta. Com acompanhamento médico já é dada como fora de risco**

filha como presente de aniversário.

— Deus ouviu minhas preces e me enviou verdadeiros anjos como a professora Ana Beatriz e o médico Jorge Affiune. Sem os dois, minha filha poderia ter morrido.

Fiquei impressionada com o atendimento do Incor. Fui maltratada em hospital público. O Incor atendeu a minha filha como uma princesa. Ganhamos uma nova família aqui — emocionou-se Viviane.

Em uma semana Ana Beatriz receberá alta. Ela terá acompanhamento médico e está fora de risco. Porém a família precisa de ajuda. O pai e a mãe são faxineiros. Wilson ganha R\$ 450 por mês. Viviane, por não poder deixar a filha sozinha, faz apenas uma faxina por semana e fatura R\$ 140 mensalmente. Eles moram em um cômodo na Vila Planalto, alugado por R\$ 160 e ainda pagam água, luz e alimentação. Beatriz e Breno dividem uma cama de solteiro. Os quatro enfrentam dificuldades, mas a família não quer voltar para a Bahia, devido ao sofrimento que passaram.

Eles precisam de roupa, alimentação e qualquer tipo de ajuda.

Para quem quiser ajudar, a família mora no Acampamento Rabelo na Avenida JK, nº 48, da Vila Planalto. Contatos pelo telefone 9153-2006 com o pai de Beatriz, José Wilson.